



O Corvo e a Raposa.

Em todos os tempos e em todos os paizes, parece que a verdade tem tido medo dos homens e que os homens tem tido medo da verdade; pois, compulsando a historia do passado, encontramos a fabula ou apologo, que foi a primeira fórma allegorica sob a qual a verdade foi exposta, entre os mais antigos monumentos litterarios de todos os povos. A invenção, porém, deste engenhoso genero de litteratura, é fóra de duvida que pertence ao Oriente; isto é, ao paiz onde a verdade, para melhor ser comprehendida e amada, devia apresentar-se coberta com um denso véo. Mas quem foi o seu auctor? O seu nome? Quaes as primeiras fabulas? Eis o que até hoje não tem sido possivel descobrir. Querem alguns escriptores eminentes, e Phedro foi o primeiro a dizel-o, que o auctor da fabula fóra um escravo em quem nascera o desejo de mostrar, sem correr perigo, ao tyranno, seu senhor, a linguagem da razão e do bom senso, para, assim, o afastar da estrada da deshumanidade. O nosso erudito escripter, José Maria da Costa e Silva, que, entre nós, foi um dos mais incansaveis na cultura do apologo, a ponto de nos legar um livro de seiscentas paginas, prehe de fabulas, achou esta explicação mais poetica que verosimil, porque, diz elle: «se a lição dada pelo escravo era tal que podesse offender o amor proprio, ou o orgulho do Senhor, pouco importava que elle a ouvisse em phrase

clara, ou que a conhecesse por conjectura.» Parece-nos bem pouco logica a deducção, e se seguíssemos, nesta parte, as ideias de Costa e Silva, outro seria o nosso argumento; mas a nossa opinião diverge da do luso fabulista. A explicação de Phedro satisfaz-nos muitissimo; só ella nos poderá servir de guia, na escabrosa senda dos seculos, até o ponto que desejamos conhecer: se é que ainda lá não chegámos. ¿O celebre Senhor, a quem o Escravo, por um modo artificioso, quiz manifestar o seu pensamento, não seria o Orgulho ou Amor-proprio, o mais soberbo e tyranno de todos os senhores que tem vindo ao mundo? ¿E o Escravo, por consequencia, não seria o fraco Genero-humano? Decididamente, foi aquelle o Senhor, que o pobre Escravo tentou, inventando o apologo, conciliar com a verdade. A sabedoria só nos póde dar lições, sem offender-nos, excitando a nossa curiosidade, recreando a nossa imaginação.

Das fabulas dos tempos remotos que poderam chegar até nossos dias é, igualmente, ponto controverso, quaes d'ellas foram as primeiras. Todos quantes tem escripto sobre o assumpto discordam entre si. Florian, que no seu pequeno, mas eloquente estudo sobre a fabula, mostra ter sido a India o berço d'ella, e o seu auctor um brahmane, quer que os apologos de Bidpay ou Pilpay sejam os mais antigos de todos quantos se

conhecem. William Jones diz, tambem: «As fabulas de Vischnu-Sarma, a quem ridiculamente dão o nome de Pilpay, são as melhores, senão as mais antigas do mundo.» Effectivamente, ainda se não encontrou *collecção* alguma que houvesse precedido esta; os mesmos apologos de Lokman, poeta arabe a quem alguns escriptores dão uma existencia anterior a Vischnu-Sarma, e outros querem que seja o proprio Esopo, não passam a nosso ver, de uma traducção dos d'aquelle; mas, se Vischnu-Sarma, como ainda não ha muito tempo o affirmou um notavel escriptor allemão, viveu cerca de mil annos antes de Christo, como poderemos considerar os seus apologos os primeiros, vendo no livro dos juizes a fabula *As arvores escolhendo um rei*, e no livro dos Reis a do propheta Natham *A ovelha furtada?* Aos sabios a solução do problema. (1)

As fabulas de Vischnu-Sarma acharam-se escriptas primitivamente em sanscrito, formando um volume que tinha por titulo *Pantcha-Tantra* e *Hitopadesa* ou *instrucção amigavel*, especie de romance allegorico politico e moral, cujos principaes personagens são dois chacaes, animaes a que os indios attribuem a mesma astucia, que nós attribuimos á raposa. Esta obra acha-se traduzida nos idiomas, pehlvi, antiga lingua da Persia que substituiu o zend, arabe, hebraico, latim e francez. Em 1826 o abbade Dubois publicou uma traducção do proprio sanscrito. Não nos detemos na analyse destas fabulas: baste dizer que, á excepção das de Phedro, Lafontaine e Gellert, ainda nenhuma as igualaram.

Voltemo-nos agora para a Grecia, que, verdadeiramente, tem sido o ponto de partida de quasi todos que se tem dado ao trabalho de escrever sobre este assumpto. É claro, á vista do que temos expendido, que não foi Esopo, como por vezes, erradamente, se tem dito, quem inventou a fabula; e agora digamos: não foi elle o primeiro a cultivar-a na patria de Homero. O apologo appareceu na Grecia como auxiliar da philosophia: foi contemporaneo da poesia gnomica e associou-se igualmente á poesia didactica. Em Hesiodo, poeta que se julga ter sido coetaneo do grande Homero, e que viveu, pelo nono seculo antes de J. C., encontramos a fabula do *Rouxinol e o Gavião*. Mais tarde ligou-se á poesia lyrica. Archilochos, juntamente com as suas odes, deixou-nos duas: *A Aguia e a Raposa*, dirigida contra Lycambo, e *A Raposa e o Macaco*. A fabula, pois, á sua apparição na Grecia, não formava um genero particular; e Esopo, apesar de ser o que mais se entregou á cultura d'ella, não conseguiu

(1) Alguns escriptores tem querido descobrir nos Vedas, a fabula, propriamente dita, e, por conseguinte, não admittem que se conheçam fabulas mais antigas do que as da India, que foi, acrescentam, onde nasceu este genero de litteratura. Nesta ultima parte, enfim, estamos de accordo. Com o que, porém, nos não podemos conformar, é com a outra ideia, a não ser que confundamos a parábola com a fabula ou apologo, que são, é verdade, duas especies particulares da allegorica, mas distinctas entre si. A parábola é uma narraçáo allegorica, curta, sentenciosa que encerra sempre implicitamente uma lição de moral. O apologo ou fabula (porque não existe differença essencial na significação destas duas palavras) é geralmente um pequeno poema cuja forma é dramatica e na qual o auctor enuncia o preceito moral que di mana da ficção proposta.

libertal-a dos laços que a prendiam a outros generos. Annos depois, quando formou um dominio á parte, ainda não era completamente livre; esteve muito tempo ao serviço da eloquencia: provam n'ó, a fabula do *Homem e o Cavallo*, que Stesichoro contou aos Himerianos, quando Phalaris tomou o mando das tropas, a dos *Membros e o Estomago*, de que Mnenius Agrippa se servio para reconciliar o povo com os patricios, e, finalmente, muitas outras que se encontram nos diversos historiadores gregos e romanos.

Não sendo, por tanto, a fabula um genero distincto e independente, era narrada em prosa, e tudo leva a crer que Esopo não escreveu em verso. ¿Escreveria elle mesmo as suas fabulas? A opinião contraria tem mais verosimilhança. O que, porém, nos não parece ponto duvidoso, é que elle fosse o criador da fabula chamada *Esopica*. E se não, quaes são as obras dos fabulistas que o precederam que estejam no caso de contestar a propriedade das d'elle, a prioridade da invenção?

Sobre a sua vida e obras quasi tudo quanto até hoje se tem dito não passa, a nosso ver, de um acervo de disparates. Os que não querem que o disforme fabulista Phrigio existisse dizem, como Florian, pouco mais ou menos: «O que é certo é que os apologos indios, entre os quaes se encontra o dos *dois pombos*, foram traduzidos em todas as linguas do Oriente, ora sob o nome de *Bidpai* ou *Pilpai*, ora sob o de *Lochman*. Depois passaram á Grecia sob o titulo de fabulas d'Esopo.» (Isto poderia ter seus visos de verdade se entre as fabulas de *Bidpai* e as de Esopo houvesse, pelo menos, alguma semelhança, mas tal cousa não existe.) Os que são de opinião contraria, apresentam-n'os um amontoado de tradições sem critica e de contos a maior parte delles inverosimilhanças, como a *Vida d'Esopo* por Planudio, a qual, o que de véras nos admira, Lafontaine se deu ao trabalho de traduzir e, o que é mais ainda, não teve receio de a publicar juntamente com a sua *collecção* de fabulas!

(Continúa)

OS BRAHMANES

(Conclusão)

O dogma da *transmigração das almas* ou da *Metempsychose*, como o leitor já pode reconhecer pelo castigo pronunciado contra aquelle que ousa ferir um Brahmane, é a sancção da lei civil e religiosa dos indios. Segundo Manu, os males que affligem o homem são a punição e a consequencia inevitaveis dos seus peccados. A vida actual é uma expiação, porque é o seguimento das vidas anteriores. Comtudo, o homem, depois de uma serie, mais ou menos longa, de transmigrações, pôde chegar a um tal gráo de perfeição que mereça ser recebido no seio de Brahma e ficar dispensado de voltar a esta terra de provas. «O homem, diz ainda o *Manava-Dharma-Sastra*, que pratica frequentemente actos religiosos interessados, chega a entrar na ordem dos deuses;

mas o que executa a miude obras piedosas desinteressadas, despoja-se para sempre dos cinco elementos, e obtem libertar-se dos laços do corpo. Vendo igualmente a alma suprema em todos os seres, e todos os seres na alma suprema, offerecendo a sua alma, identifica-se com o ente que brilha com o seu proprio resplendor... As almas dotadas da qualidade de bondade, adquirem a natureza divina; aquellas que são dominadas pela paixão participam da condição humana; as almas mergulhadas na obscuridade, passam para os animaes: taes são as tres principaes especies de *transmigrações*. Se a alma se tem dado frequentemente ao mal e raras vezes ao bem, depois da morte, despojada do corpo, tirada dos cinco elementos, e revestida de outro corpo formado das particulas subtis dos elementos, é submettida ás torturas infligidas por *Yama* (rei dos infernos.)»

O dogma da metempsychose, por mui estranho que nos pareça, deriva naturalmente do systema das emanções e forma o remate necessario de toda a doutrina religiosa fundada sobre o pantheismo.

Mas, esta concepção da metempsychose tem produzido consequencias que importa muito dar a conhecer: queremos fallar do desenvolvimento exagerado da vida eremitica e contemplativa, e do esquecimento das obras pelas austeridades e formas expiatorias, por meio das quaes, pensam os indios, que se podem evitar as transformações, muitas vezes desagradaveis, de que está ameaçado o homem culpado, o violador da lei. «Os grandes criminosos, diz Manu, e todos os outros homens culpados de diversas faltas, são descarregados dos seus peccados por austeridades praticadas com exactidão. As almas que animam os vermes, as serpentes, os gafanhotos, os animaes, as aves, e mesmo os vegetaes chegam ao céu pelo poder da devoção austera. A letra A, a letra U, a letra M, foram exprimidas dos tres livros santos pelo Senhor das criaturas. Dos tres Védas (trata-se aqui dos tres primeiros), o Altissimo, o Senhor das criaturas extraio tambem, estrophe por estrophe, essa invocação chamada *Savitri*, que começa pela palavra *Tad*. Recitando, em voz baixa, de manhã e de tarde, o monosyllabo AUM, e esta supplica precedida das tres palavras *Bhour*, *Bhouvah*, *Swar*, todo o Brahmane, que conhece perfeitamente os livros sagrados, obtem a santidade que o Veda procura. Aquelle que, durante tres annos, repete todos os dias esta supplica, sem nunca faltar, irá juntar-se á suprema divindade, tão ligeiro como o vento, revestido de uma fôrma immortal.»

As penitencias voluntarias que, muitas vezes, se impõem aos anachoretas indios, chamados *Djoguis* e *Sannyasis*, conforme a classe a que pertencem, tem sido sempre objecto de grande admiração para os viajantes. Muitas d'entre ellas estão enumeradas no código de Manu: «Que o anachoreta se roje pela terra, ou que se conserve nas pontas dos pés durante todo o dia; que nos calores do verão, se rodeie de cinco fogueiras; que, na estação das chuvas, se exponha,

sem abrigo, ás nuvens; que, na estação fria, traga vestidos humidos, e que aumente gradualmente o rigor das suas penitencias; que se inflija as mais terriveis mortificações e que, deste modo, vá destruindo o seu involtorio corporal... Que sempre caminhe em linha recta para a região septentrional, vivendo unicamente de ar e de agua, até que o seu corpo caia no pó.» Estas mortificações, como se vê, vão até o suicidio, e os preceitos de Manu foram religiosamente seguidos. E' por isso que na celebre festa de Djaggernáth, indios devotos fazem-se esmagar debaixo das rodas do carro que conduz o idolo do deus; é ainda por isso que na festa solemne, que se celebra todos os annos proximo de Calabhairana, muitos se precipitam do alto d'um rochedo. Nos tempos antigos, o queimar-se o individuo em vida parecia ser cousa muito usada. Os philosophos indios Calanus e Sarmanochagas, que, segundo os historiadores gregos, se queimaram, o primeiro em Pasargade, na presença de Alexandre, e o segundo em Athenas, são exemplos do que deixamos dito. Comtudo, estas austeridades, na generalidade, tão horriveis, que descrevem as relações, são, a maior parte das vezes, inspiradas pela vaidade e pelo desejo de receber homenagens.

A moral ensinada pelos Livros sagrados da India tem sido muito gabada. Effectivamente, como todas as legislações possiveis, consideram crimes grandes o assassinio, o roubo, o adulterio, etc.; contém prescrições admiraveis relativas á caridade, á esmola, á hospitalidade; mas estas prescrições estão radicalmente viciadas pela instituição religiosa das castas. As passagens que temos citado bastam para demonstral-o.

Tambem tem sido muito exagerada a cifra dos sectarios do Brahmanismo: não deve, porém, exceder de sessenta milhões; porque esta religião não se estende fóra do Indostão, e esta vasta região é ainda habitada por muitos milhões de individuos que professam o Mahometismo, o Sabeismo, ou o Nanekismo.

CARLOS II DE HESPANHA

Sua menoridade

Depois de um longo e fatal reinado de quarenta e quatro annos, durante os quaes continuara rapidamente, e com mui curtos intervallos, a desmembração do imperio de Carlos V e Philippe II, deixou de existir Philippe IV (terceiro de Portugal), no dia 17 de setembro de 1665.

Posto que dos seus dois matrimonios, celebrados o primeiro com D. Isabel de Bourbon, e o segundo com D. Marianna d'Austria, resultassem varios filhos varões e femeas, só lhe sobreviveu, dos primeiros, o desventurado Carlos II, ultimo ramo masculino da regia arvore dynastica, e este na tenra idade de quatorze annos incompletos, como nascido, que era em novembro de 1661.

Tres dias antes de morrer, outorgára Philippe o seu testamento, no qual nomeava a rainha D. Marianna tutora de seu filho e herdeiro, e regente

do reino na sua menoridade, em termos tão expressivos, como estes: «para que só com esta nomeação, sem outro acto, nem diligencia, nem ⁿramento, nem discernimento da dita tutela, pos-^{ju}, desde o dia em que eu fallecer, entrar no go-^{sa}verno do estado na mesma fôrma e com a mesma auctoridade como eu o faço; porque é minha vontade dar-lhe a que tenho e toda quanta mais fôr necessária, sem reservar coisa alguma, a fim de que, como tutora do filho ou filha nossos, que me succeder, tenha todo o governo e regimento de todos os meus reinos em paz e em guerra, até que o filho ou filha que me succeder tenha quatorze annos completos, para poder governar.» Não obstante, e a fim de auxiliar a rainha viuva com seus conselhos e serviços, Philippe instituiu uma junta consultiva composta do cardeal arcebispo de Toledo e inquisidor geral; do conde de Castriello, presidente do conselho de Castella; D. Cristóbal Crespo, chanceller ou presidente do de Aragão; do marquez de Aytona, grande de Hespanha, e do conde Penaranda, conselheiro de Estado.

D. Marianna sentio sinceramente a morte de seu augusto esposo, e pareceu disposta a seguir as instrucções que d'elle recebera e os conselhos da junta consultiva que lhe fôra legada; mas, depressa deu a conhecer que outro influxo superior dominava a sua consciencia e havia tambem de subjugar a sua auctoridade soberana. Esta pernicioso influencia, e estranha dominação, eram as que exercia no animo da rainha o seu confessor, o jesuita allemão padre João Everardo Nitard. Este astuto personagem (a quem se não pôde negar certo dom de talento politico) acompanhára Marianna, na qualidade de seu director espiritual, quando ella foi casar com Philippe, em 1646; e ainda que de origem humilde e mediana capacidade, soube ganhar certa reputação no collegio de jesuitas de Vienna, na sociedade cortezã d'aquella capital, insinuou-se no animo do imperador, que se dignou recommendal-o a sua irmã, a futura rainha de Hespanha, e, por fim, na vontade desta senhora, que, durante os vinte e um annos do seu matrimonio com Philippe, nunca apartou do seu confessor o religioso allemão. O rei tambem respeitava e queria muito ao director espiritual de sua augusta esposa; apesar, porém, das instancias desta, para que lhe conferisse outras dignidades ecclesiasticas, Philippe nunca deu ouvidos, deixando-o tranquillamente no seu delicado ministerio, sem adiantal-o na sua carreira.

Assim, provavelmente, caminhariam as cousas se não fosse a morte de Philippe e a regencia do reino não passasse ás mãos de Marianna; occorrida, porém, aquella e encarregada esta do poder supremo, o primeiro uso que fez da sua auctoridade foi a favor do padre Nitard; porque, morto o cardeal Sandoval no dia seguinte aquelle em que falleceu Philippe IV, e nomeado, em seu lugar, arcebispo de Toledo o cardeal D. Paschoal de Aragão, e inquisidor geral, a rainha empenhou-se para que este renunciasse ao ultimo cargo, o que lhe não foi difficil conseguir, e inves-

tio n'elle immediatamente o seu confessor, sem fazer caso da junta consultiva. Esta arrojada determinação, esta disposição de um emprego tão importante, qual o de inquisidor geral, sem consulta alguma, poucos dias depois de tomar as re-deas do governo, e feita a favor de um estrangeiro nascido e educado, segundo se dizia, nos seus primeiros annos na seita lutherana, e que, além d'isso, não contava a menor sympathia nos conselhos da coroa nem no publico, deu motivo ás primeiras murmurações e desgostos, que, todavia, a destresa de Marianna e o manejo dos principaes cortezãos poderam abafar; mas, que não deixaram de semear o germen de futuras discordias, invejas e attribulações. E estas cresciam de dia para dia tanto, quanto o predominio do padre confessor e inquisidor geral augmentava, não só na direcção da consciencia regia com actos meramente religiosos, senão tambem nos que diziam respeito ao governo temporal do reino; e em termos, que já era designado publicamente com o titulo de favorito ou valido, e superior em poder a todos os ministros e dignidades do Estado.

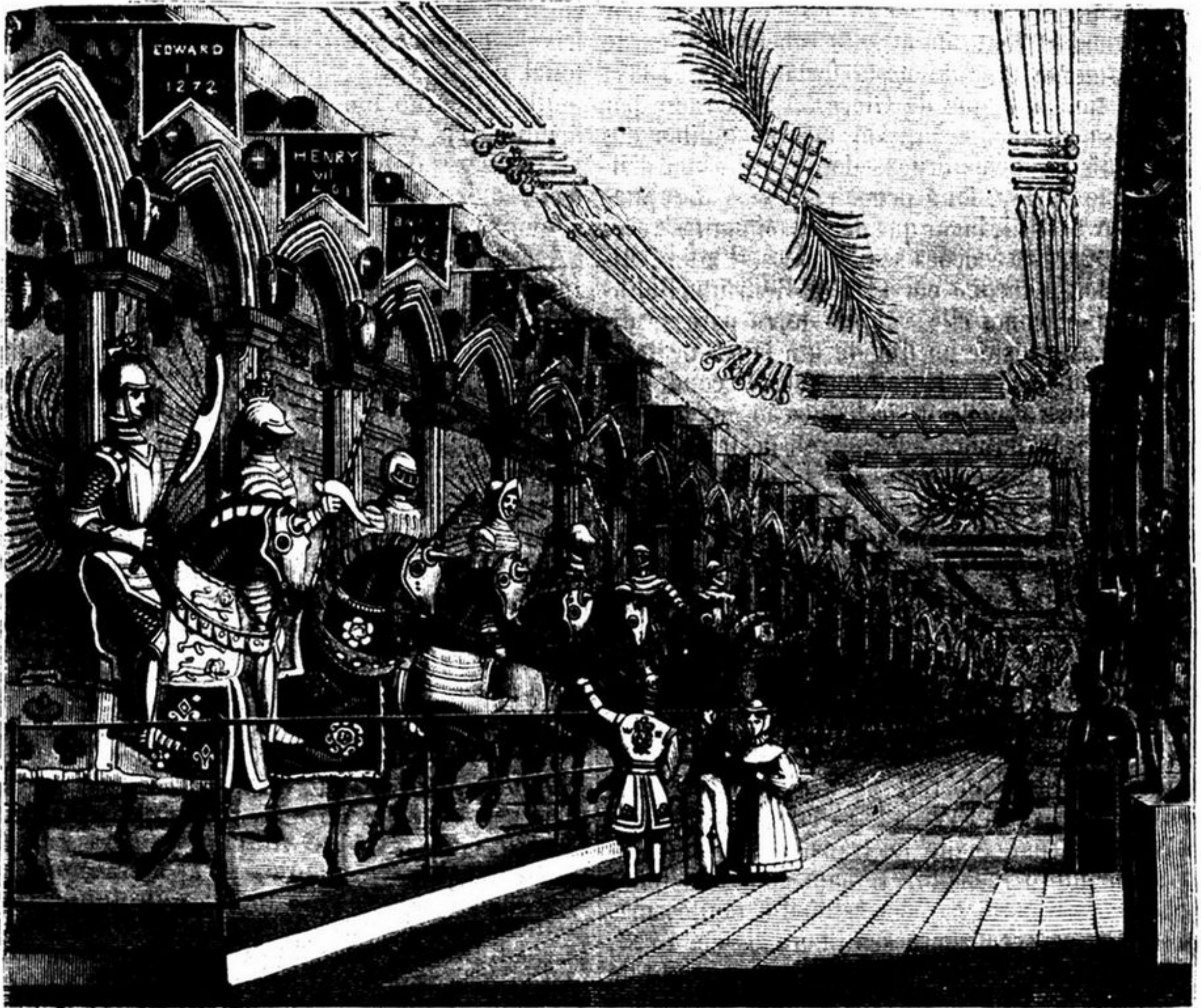
A testa dos descontentes e personificando as inimidades da côrte e do povo para com o inquisidor Everardo, appareceu logo um grande personagem, que se propoz a oppor a sua alta posição e relevantes dotes á desmedida elevação em que soubera collocar-se o astuto padre. Este poderoso personagem era D. João José d'Austria, filho natural de Philippe IV, fructo dos seus amores com a celebre actriz Maria Calderon.

(Continua)

A TORRE DE LONDRES

Poucos monumentos recordam tantos factos historicos como a torre de Londres; contemplando aquellas grossas paredes, as scenas de dôr de que foram testemunhas desenham-se em multidão na memoria; a imaginação penetra n'aquella sombria morada, que tantos seculos servio de prisão, não só a homens culpados, mas a nobres e generosos corações victimas da anarchia e do despotismo. O seu destino actual não excita nenhuma commoção penosa, e o viajante corre a visital-a como um resto de antiguidade ligada estreitamente a mais de uma pagina da historia.

A parte mais antiga do edificio tem sido, por vezes, attribuida a Julio Cesar; disse-se mesmo que existira n'aquelle sitio uma fortaleza romana; mas este facto, que se não appoia na auctoridade de nenhum historiador, não nos parece sufficientemente attestado pela descoberta recente de medalhas e outras antiguidades que não offerecem nenhuma relação com o lugar onde foram encontradas. A torre branca, que fôrma hoje a parte mais notavel, foi edificada no reinado de Guilherme I, pelos annos 1080, por Gandulpho, bispo de Rochester, afamado por seu talento na arte das fortificações. Em 1140, no reinado de Estevam, tornou-se residencia real. Tres annos depois, Geoffrey de Mandeville, foi ali sitiado pelos ha-



Torre de Londres.

bitantes de Londres, partidarios de Estevam, que o aprisionaram e obrigaram a demittir-se do cargo de governador, então hereditario em sua familia, uma das que seguira o conquistador em 1189. Lonchamp, bispo d'Ely, a quem Ricardo confiara o cuidado do reino e a guarda da torre, fortificou-a e rodeou-a de um fosso. O rei João tambem ali fez trabalhos consideraveis, e nos ultimos annos do seu reinado ali teve a sua cõrte; mas os barões revoltados apoderaram-se d'ella e entregaram-na a Luiz de França. Em 1217, foi restituida a Henrique III, o qual mandou construir a capella, a sala de estado e a grande galeria. Ralph Flambard, bispo de Durham, ministro e confidente de William Rufus, no tempo de Henrique I é o primeiro prisioneiro de quem falla a historia; o celebre Hubert de Burgh, conde de Kent, ali foi successivamente governador e captivo, em 1232. Henrique III refugiou-se n'ella muitas vezes durante as guerras civis e accrescentou-lhe muitos meios de defesa. Eduardo I acabou os trabalhos emprehendidos por seu pae; foram estes os ultimos trabalhos importantes que se fizeram. Seiscentos judeus foram ali encerrados pelo crime de moeda falsa, e o famoso William Wallace ali passou alguns dias, em 1305, antes de

terminar a sua vida de heroe pelo supplicio de um criminoso.

Este edificio mudou muitas vezes de dono durante o turbulento reinado do infeliz Eduardo II, e a invasão da França por Eduardo III, tornou-o ainda habitação de illustres personagens; os condes d'Eu e de Tancarville para ali foram conduzidos com trezentos cidadãos de Caen; em pouco tempo a batalha de Nevill's Cross, ganha pela rainha na ausencia do vencedor de Créci, deu-lhes por companheiros de captiveiro David Bruce e os lords de Fife e de Monteith, aos quaes foram juntar-se no fim de alguns mezes Carlos de Blois e o bravo João de Vienna, governador de Calais, com doze dos principaes cidadãos desta cidade. João e seu filho para ali foram tambem conduzidos em 1359, depois de terem estado prisioneiros em Savoy-Palace em Londres e em Windsor-Castle.

O tratado de Bretigny, que deu, em 1360, a liberdade ao rei de França, foi seguido de alguns annos de um socego, que se pôde chamar relativo. Mas as agitações de que a torre foi theatro manifestarem-se no reinado de Ricardo II; em 1377 abriram-se as suas portas para deixarem passar o cortejo que o acompanhava a Westmins-

ter, e logo depois do rei, a sua familia e os principaes senhores do reino ali foram sitiados por Wat Tyler, á frente de 60:000 rebeldes. Ricardo foi novamente atacado nesta fortaleza em 1387, por seu tio, o duque de Gloucester; logrado por uma falsa reconciliação, vio morrer muitos dos seus ministros pelas ordens do duque, e um d'elles, Simão Burley, foi a primeira pessoa decapitada em Tower-Hill, lugar que depois foi muitas vezes escolhido para execuções semelhantes. Emfim, Ricardo cedeu o throno em 1497 a Henrique Bolingbroke, que, como elle, saio da torre para se dirigir a Westminster no fim de um lapso de tempo muito curto. O rei desthronado foi conduzido sem vida para aquella triste habitação, onde, por uma exposição publica, se esperou destruir certas suspeitas que, dizem, eram mui bem fundadas.

Nos reinados de Henrique IV e seu successor, a torre servio muitas vezes de prisão de estado; ali encerraram em 1406, contra toda a justiça, James, principe da Escocia, que apanharam na costa, no momento em que embarcava para França, onde ia ser educado; seu pae, Roberto III, morreu durante a sua prisão, e assim foi James, o terceiro rei da Escocia que, no espaço de um seculo, habitou na torre. Este principe deixou sob o titulo de Livro do rei, *the king's quhair*, um poema que prova um verdadeiro talento; compollo em Windsor, para onde foi transferido; era tratado com muito respeito, tinham com elle todas as atenções e o rei parecia estimal-o muito, mas o principe, só recobrou a sua liberdade em 1423, e foi obrigado a dar caução para o pagamento de um resgate de 40:000 libras. Os duques d'Orleans e de Bourbon com muitos outros senhores francezes foram enviados para a torre no tempo de Henrique VI, durante as guerras de França. Em 1450 os revoltados, á testa dos quaes estava Jock Cade, sitiaram-na. Lord Say e Sir James Cromer, seu genro, foram victimas da sanha popular; mas esta commoção passageira foi apenas o preludio de numerosos acontecimentos que assignalaram as guerras das duas rosas. Lord Scales, atacado em 1460 pelo conde Salysbury e lord Cobham, entregou-se quando soube da prisão de Henrique VI em Northampton que, depois das alternativas de victorias e de derrotas, foi, em seguida á batalha de Hexham, em 1564, encerrado na torre onde esteve muitos annos, durante os quaes o seu feliz rival Eduardo VI ali habitou mais habitualmente que os ultimos reis. É curioso seguir na historia as estranhas vicissitudes destas reaes existencias; ver Henrique subido ao throno em 1470, desthronado no anno seguinte por Eduardo, trocar novamente a corôa pela prisão aonde, dentro em pouco, lhe foi fazer companhia Margarida, sua mulher, que vira fenecerem as suas ultimas esperanças em Tewksbury; a penna de Shakspeare immortalisou o tragico fim de Henrique, mas este facto não foi bem esclarecido pela historia. O que se sabe com certeza, é que Henrique morreu poucos dias depois da entrada triumphante de Eduardo na capital. O

duque de Clarence, irmão do rei, em 1478, foi encarcerado, julgado e executado debaixo d'um frivolo pretexto; diz-se que fôra afogado em um tonel de Malvasia; mas não se pôde empregar muita atenção em libertar a authenticidade da historia das versões populares e dramaticas que muitas vezes deturpam os mais importantes acontecimentos. Poucas épocas são tão obscuras como a que se segue immediatamente á morte do rei e á elevação do duque de Gloucester ao protectorado. Julga-se que os lords Hastings, Stanley e o bispô de Ely foram presos na sala do estado onde deliberavam; o ultimo foi executado immediatamente. Este attentado servio de prologo á usurpação do duque; mas é provavel que nunca venha a saber-se positivamente, em que lugar foi commettido o mais horrivel dos seus crimes: o assassinio dos seus sobrinhos. Eduardo Plantagenet, filho do duque de Clarence, foi executado na torre, victima do ciúme de Henrique VII, e no reinado seguinte, pereceu, de morte semelhante, sua irmã, a condessa de Salisbury, ultima vergon-tea desta raça real.

(Continua)

FRANCISCO PIZARRO

Poucas narrações haverá tão curiosas na historia universal, como a da primeira entrevista de Pizarro com o pobre Atahualpa. Não sabemos bem qual dos sentimentos se apodera com mais violencia do nosso espirito, se a profunda repugnancia pela perfidia abjecta do chefe hespanhol, se a admiração pela sua audacia, ou se a compaixão pela infantil ignorancia e timidez dos Peruvianos. Com os seus cento e oitenta homens de pé e de cavallo, e as suas duas peças de artilheria, esperou Francisco Pizarro a visita amigavel do inca. Este, sem intenções offensivas, mas apenas para desenvolver um luxo e um poder que dessem delle aos estrangeiros a mais elevada idéa, appareceu n'um palanquim sumptuoso, acompanhado pelos seus principaes servidores, e seguido por trinta mil homens de tropas, todos cobertos d'armas luzentes, cuja vista, em vez de aterrar os hespanhoes, não fez senão excitar-lhes a cobiça.

Foi no meio destas forças collossaes que Pizarro formou o projecto de lançar mão do inca. Um fanatico monge, que o acompanhava, proporcionou-lhe o ensejo. Dirigindo-se a Atahualpa fez-lhe um longo discurso, começando pela criação do mundo. Era caso para o inca lhe dizer: «*Avocat, passons au déluge.*» Mas o pobre peruviano não percebia palavra, e o interprete, que pouco mais percebia do que elle, traduzio-lhe o resumo da historia ecclesiastica do reverendo do modo mais incomprehensivel. Só quando o frade citou a bulla d'Alexandre VI, que doava o Peru, em que o papa nunca ouvira fallar, ao rei de Castella, e quando lhe disse que elle inca devia considerar-se vassallo de Carlos V, Atahualpa respondeu indignado que era sua a corôa, e que não percebia que direito se arrogava esse monarcha de terras distantes para d'ella o esbulhar, accrescentando que era tão extraordinario o que o monge lhe dizia, que desejava saber quem lhe ensinára essas cousas. O padre

Valverde, todo ufano, sacou d'um breviario, e apresentou-o ao inca. Este mirou-o, e remirou-o, pol-o ao ouvido, e respondendo: «Isto nada me diz» atirou-o fóra. Logo o diabolico frade, voltando-se para os seus compatriotas, bradou:

«Insulta a palavra de Deus! Matae o pagão!»

Era o que Pizarro desejava. Deu logo o signal do ataque. Rufaram os tambores, o morrão dos artilheiros approximou-se do ouvido das peças, que estrondearam vomitando fogo; os cavallos, animaes desconhecidos que os peruvianos miravam com espanto, partiram a galope, obedecendo ás esporas dos cavalleiros, a infantaria deu uma descarga de mosquetes e béstas, que prostrou vinte ou trinta homens. Nada mais foi necessario para que os trinta mil peruvianos se dispersassem, cheios de terror, abandonando as armas, e tapando os ouvidos para não sentirem o brado clamoroso da artilheria, e o tropear dos cavallos. Só os que rodeavam o Inca tentaram uma defesa, que de nada valeu, porque os hespanhoes arrancaram do meio d'elles Atahualpa, que permanecia no palanquim cheio de espanto e de terror.

Scenas são estas que fazem com que nos envergonhemos da qualificação altiva que tomamos de povos civilizados, da ufania que sentimos do nosso nome de Europeus. Aqui temos a civilização orgulhosa dos nossos antepassados em presença da civilização juvenil dos povos peruvianos, e a civilização superior abusa da sua superioridade para esmagar, para torturar o povo, que não deu ainda passos tão largos no caminho do progresso. Era assim que deviam proceder os missionarios do Evangelho, os seguidores de Christo?

Não se póde imaginar o desespero do inca Atahualpa, vendo-se privado do throno e da liberdade por uma horda de aventureiros, cujo desembarque nem julgára necessario impedir. Agora sabia bem qual era o poder d'esses homens, e de que ignotos recursos elles dispunham para subjugar o seu imperio, recursos que faziam de cada hespanhol um deus para os seus aterrados subditos. Conscio de que não podia recuperar pelas armas a liberdade, resolveu-se a appellar para a cobiça dos vencedores promettendo-lhes um resgate que excedesse os mais audazes devaneios da sua imaginação. O resgate que elle mesmo fixou foi tal effectivamente que o proprio Pizarro se julgou transportado a plena região de fadas e incantamentos. Prometteu Atahualpa encher até o tecto com vasos d'ouro o quarto em que estava preso, e que tinha vinte e dois pés de comprimento e dezeseis de largura!

Logo o inca prisioneiro expedio as ordens necessarias para se reunir o tributo collossal, e a tão despótico jugo estavam habituados os seus vassallos que nem foi necessaria a intervenção dos hespanhoes para o cobramento do imposto. De todas as partes do imperio vieram os indios trazendo as suas quotas, e no dia de S. Thiago póde Francisco Pizarro fazer a distribuição d'essas riquezas immensas entre os seus subordinados.

N'esse meio tempo desembarcara Almagro com um reforço que duplicára o numero das tropas de Pizarro. Este, reservando alguns vasos de forma curiosa para offerecer ao imperador Carlos V, mandou derreter o resto, e tirando o quinto para a corôa, e cem mil pesos, que destinava para

gratificar os recém-chegados, ainda póde distribuir pelos seus a somma enormissima de um milhão e quinhentos e vinte e oito mil e quinhentos pesos.

Imagine-se o effeito que produziriam aquellas riquezas no espirito d'esses aventureiros, onde fermentavam todas as más paixões. Uns saciados quizeram retirar-se para gosarem do fructo das suas rapinas, outros, inflammados por este preludio, sentiram a sua avareza accender-se ainda mais e incital-os a não recuarem diante de crime algum para attingirem aos supremos limites da opulencia.

(Continua)

A GOMES DE AMORIM

(depois da leitura dos **Ephemero**)

Hoje, que a pristina crença,
e as nossas glorias passadas,
as vemos embaciadas
pelo gelo da indifferença—
dentro d'este peito moço
sinto não sei que alvoroço,
choro de intimo prazer,
quando vejo a mão da gloria
nas folhas da nossa historia
ir mais um nome escrever.

Poeta! no rosto puro
vae cingir os verdes louros
que são despojos, thesouros
da conquista do futuro!
Do futuro! que o presente
talvez da c'roa fulgente
afaste os olhos... talvez!
Mas, poeta, não te importe!
pois tiveram esta sorte
mil genios como tu és!

Tiveram! se negra lama
o rosto lhes salpicava,
mais-tarde o mundo escutava
os ecos da sua fama!
tiveram! mas os vindouros
prodigaram-lhes os louros
que o presente lhes negou!
Poeta, dobra os joelhos
diante d'esses espelhos
que o porvir desempanou!...

Como esses, que da desgraça
os golpes experimentaram,
e tristes cantos mesclaram
às vaias da populaça:
tu, joven e desditoso,
crusaste o oceano iroso,
e, nas plagas de alem-mar,
do exilio os amargos prantos
foste adoçar com teus cantos,
a *escravidão* adoçar!

Lá, mediste o genio altivo
pelas altivas palmeiras;
e, se ellas foram primeiras
a subirem, tu — cativo —
a alma ergueste acima d'ellas,
e a teus pés viste as estrellas,
viste desertos, sertões...
nas clareiras d'esses matos
de eternos, enormes cactos
viste tigres e leões!

Lá, tudo era magestoso,
tudo inspirava poesia,
e tudo em si reflectia
a imagem do Poderoso!
Atraves de cipós densos,
de mil curimbós immensos,
por entre os carajurus,
o sol coava-se ardente,
infiltrando docemente
na tua alma doce luz.

E essa luz rompia as sombras,
que o seio te povoavam
de areaes rosas brotavam,
vias regatos e alfombras;
de espinhos fazias flores,
e, esquecendo tuas dores,
louvavas o Creador,
ou da patria te lembravas.
e saudoso lhe enviavas
ternos canticos de amor.

Mais tarde, uma nova estrella
desviou-te dos palmares:
de novo crusaste os mares,
quando o rugir da procella
para ti já tinha incantos,
que traduzias em cantos
de sublime inspiração!
— Que poeta não sentira
inspirada a sua lira,
do mar ante a immensidão?!

Quando o raio lá fusila
entre nuvens pardacentas;
quando estalam as tormentas,
e o tufão ruge e sibila,
os mastarêos agitando;
quando o baixel, vagueando
entre os abysmos do mar,
vacila ao choque da vaga,
que o lais das vergas alaga
e no convez vem quebrar:

que ignotos arroubamentos
sentira n'alma o poeta
nesse oceano sem meta,
ao rugir de soltos ventos,
ao ver ondas, uma a uma,
formarem serras de espuma
que vão topetar os ceos!
Digam n'ó as notas sonoras
que te inspirou nessas horas
o bramir dos escarcêos!

Depois, quando o *mar em calma*,
seu manto azul estendia,
oh que suave poesia
se albergava na tua alma!
sentada pelas amuras,
olhavas essas planuras
e dos astros o fulgor,
cantando em lira sentida:
«cada onda adormecida
encerra um mundo de amor!»

Mas o amor, que com mais ancia
o coração te agitava,
era o amor que te ligava
ao berço da tua infancia:
de longe — por sobre os mares,
ou entre os verdes palmares —
era a patria o sonho teu;
por ella, noites e dias,
desprendeste as harmonias
que a saudade te deu.

Amor patrio! — a alma jubila
ver que d'este amor a chamma
ainda entre nós se inflamma,
ainda luz e scintila
nas trevas que o egoismo
quer lançar ao patriotismo
— brazão de nossos avós!
Poeta, salvè tres vezes!
mostra que és dos portuguezes,
deixa ouvir-me a tua voz!

E quando o terreno pisas,
onde vieste á luz do dia,
a tua alma se inebria,
sofrego aspirando ás brisas
o perfume que beberam,
e, no perpassar, trouxeram
do olorante roseiral;
e do Minho o nobre filho
com seu canto augmenta o brilho
ao jardim de Portugal.

E quando — ave foragida —
ao buscar o patrio ninho,
já não achas o carinho
do pae e da mãe querida;
e, por flores de outra idade,
só encontras a saudade
no teu formoso torrão,
— que terna *melancolia*!
como sae doce a poesia
d'entre as vozes da *oração*!

Amor de filho; amor santo,
nobre filho da virtude!
quem nas cordas do alaúde
a esse amor sagra um canto,
um canto assim inspirado —
em seu peito maguado
mostra haver um coração,
onde morreu a alegria,
mas o germen da poesia
mas a crença, essa, não!

A crença! virgem celeste!
oh! como ella te inspira,
quando pranteias na lira
os amigos que perdeste!
— Sobre tantas sepulturas,
e entre tantas amarguras,
ergues os olhos aos céos;
resignado as mãos levantas,
e o calix de maguas tantas
recebes das mãos de Deus!

E esses jorros de poesia,
de tua alma derivados,
e da crença bafejados,
¿hão de extinguir-se n'um dia?!

Ephemeros!... Tal modestia,
bem vês, a fama reveste-a
de corôa perennal!
— É que o genio nunca morre,
mas com os seculos corre;
joven sempre, é immortal!

Ephemeros!... Não, poeta!
Quando vires tua vida
anoitecer, esvaída
dos seculos na ampulheta,
teus cantos immorredouros
farão lá entre os vindouros
o teu nome reviver!
E a uma gloria tamanha
dá-me que eu já hoje venha
devidos preitos render.